

Considerações sobre a *métis*, a inteligência astuciosa

Metis considerations: cunning intelligence

Joseane Tavares de Azeredo Silva; Hélder Pordeus Muniz

Universidade Federal Fluminense

RESUMO:

Este artigo se propõe a abordar o tema da *métis* (inteligência astuciosa) a partir da psicodinâmica do trabalho e de estudos de psicologia histórica. Ele nos ajuda a compreender como os trabalhadores conseguem fazer face aos imprevistos no trabalho, criando novos macetes e táticas. A *métis* é parte constituinte do pensamento grego antigo. Conhecê-la nos provoca questões fundamentais sobre o tema da atividade, que atravessa a vida de todos os viventes e é responsável por toda produção humana. A mobilização da inteligência astuciosa dos trabalhadores permite gerir a variabilidade que é intrínseca a qualquer meio de trabalho, na busca tanto da qualidade do trabalho como de sua saúde.

Palavras-chave: *métis*; atividade humana; inteligência astuciosa

ABSTRACT:

This article is going to discuss a subject called *métis* (cunning intelligence) starting from the psychodynamics of work and studies in historical psychology. It helps us understand how workers manage to face unforeseen circumstances in the work environment creating new tactics. The *métis* is an intrinsic part of the Ancient Greek thought. This stimulate us to question fundamental issues about the theme known as activity that cross the life of all living beings and that is responsible for all human production. The workers mobilization of the cunning intelligence allow them to manage the variability that is intrinsic to any mean of work in the search of the quality of work and health.

Key-words: *metis*; human activity; cunning intelligence

Introdução

O tema da *métis* – a inteligência astuciosa – é importante para pensar a produção de saberes na atividade, quer seja no trabalho cotidiano de todos nós, quer em qualquer outra atividade fora dele. Ele diz respeito às astúcias da inteligência prática, a um tipo de inteligência que nasce do encontro com os desafios que a vida impõe ao vivente para

sobreviver neste mundo e, ao mesmo tempo, para criar um mundo para viver. Pensar sobre o que se produz de saberes na atividade, saberes mobilizados e construídos na imanência do fazer, nascidos a partir dos desafios a enfrentar, é pensar em saberes nascidos da relação concreta entre o vivente e sua luta diária para viver.

Discutiremos neste artigo o conceito de inteligência astuciosa, tal qual desenvolvido por Dejours (1993, 2012) na abordagem psicodinâmica do trabalho, bem como os estudos de psicologia histórica sobre a *métis*, de Marcel Détiene e Jean-Pierre Vernant (DÉTIENE; VERNANT, 2008; VERNANT, 2002).

A inteligência astuciosa no trabalho

Um operário estava no elevador de materiais de um edifício em construção, levando a massa de concreto em um carrinho de mão e uma pá de pedreiro para o quarto andar do prédio. Depois de descarregar a massa no local, pegou novamente o elevador com os mesmos instrumentos de trabalho para descer ao térreo. De repente, o elevador se desgarrou e começou a cair. O trabalhador, com extrema velocidade, pegou a pá de pedreiro e colocou a sua metade para fora do elevador, o que fez com que momentaneamente o elevador parasse sua queda e ele pudesse sair. (Relato de estudante de engenharia civil sobre um incidente que observou em seu estágio em obra)

Essa rapidez de solução implicou uma inteligência apta a lidar com um imprevisto, capaz de usar os recursos disponíveis no momento para evitar um acidente mais grave. Dejours (2012) tem proposto que o trabalho humano é fundamental porque ele pode criar soluções para os fracassos do controle da ciência e da técnica frente à variabilidade. Para isso, é preciso que os trabalhadores mobilizem uma inteligência que não é aquela que utilizamos para resolver uma equação de 2º grau, da qual já sabemos o método de solução. Ele a denomina inteligência do corpo, inteligência da prática ou inteligência astuciosa. Essa inteligência apresenta algumas características metapsicológicas importantes (DEJOURS, 1993).

A primeira é que ela é disparada pelos sentidos do corpo, alguma mudança no ambiente é detectada pelos sentidos e o corpo se mobiliza para agir e conseguir dar conta do incidente. Como ocorreu no caso do operário acima, que sentiu no corpo o movimento de queda.

A segunda característica é que ela não se refere à aplicação de um protocolo pré-estabelecido, pois envolve o jogo rápido, a solução imediata. Depois, até é possível pensar e avaliar como foi o meio que se utilizou na situação. No momento, o que

importa é resolver o problema, mesmo que seja preciso transgredir prescrições. O operário precisava evitar a queda e para isso criou uma solução. Esta criação, em condições que implicam necessidade de respostas imediatas, não significa ausência de pensamento; implica a mobilização tácita de todos os saberes impregnados pela experiência, tanto no corpo quanto na inteligência.

A terceira característica é que ela está presente em todas as atividades humanas, inclusive as intelectuais. Quando um pesquisador procura ajustar seu artigo às exigências de um parecerista, criando outras estratégias de redação e articulando outras referências, mobiliza não apenas os saberes que já dispunha, porque precisa criar outros modos de argumentar e, por vezes, de pensar a partir do encontro inesperado com desafios novos colocados por esse interlocutor privilegiado que faz a avaliação cega. Um psicólogo clínico precisa lidar com surpresas que o usuário apresenta durante a sessão e que lhe exigem uma resposta imediata, o que implica criar intervenções clínicas no aqui e agora.

A quarta característica é seu poder criador. Ela pode partir de uma referência prescrita, mas a subverte. Como um funcionário público que aprende a usar as leis e normas que regem a administração pública para poder conhecer suas brechas e desamarrar a burocracia a serviço dos usuários.

A quinta característica dessa inteligência é que ela está potencialmente presente em todos os humanos e poderá ser mobilizada, desde que os indivíduos estejam com boa saúde. Isso é muito importante porque afirma a relação existente entre saúde e qualidade no trabalho. Um trabalhador muito cansado ou doente terá uma menor possibilidade de usar os sentidos para perceber os incidentes e se mobilizar rapidamente para regulá-los, evitando acidentes e problemas de qualidade no trabalho. Além disso, para a produção da saúde é necessário que sua mobilização não seja impedida ou restringida de modo absoluto, o que é uma violência à própria atividade do humano, porque a negação de sua utilização impede a construção de identidade. O processo de construção de identidade, aqui, significa a possibilidade de cada profissional contribuir com suas criações para a organização do trabalho e ter essa contribuição avaliada e reconhecida pelos pares, pela hierarquia e pelos usuários. Assim, quando um trabalhador precisar transgredir normas para garantir a qualidade e segurança de sua atividade, ele não vai se arriscar sozinho, mas apoiado nos coletivos presentes na situação de trabalho.

Por fim, a última característica é a de que ela é pulsional e se alimenta do polo feminino da bissexualidade humana. Dejours (1993) assume a sua inspiração nos trabalhos da psicologia histórica de Detienne e Vernant (2008), que vão estudar a *métis* como a inteligência astuciosa na cultura grega. Nessa mitologia, são deusas femininas, como Métis e Atenas, que vão ser associadas a conhecimentos e saberes produzidos na vida social. Exploraremos com mais detalhes a brilhante contribuição desses pesquisadores da Grécia Antiga.

O tema da *métis* – a inteligência astuciosa – é importante para pensar a produção de saberes no trabalho porque diz respeito às astúcias da inteligência prática, de um tipo de inteligência que nasce do encontro com os desafios que a vida impõe ao vivente para sobreviver neste mundo e, ao mesmo tempo, para criar um mundo para viver.

O mito

Marcel Détiene e Jean-Pierre Vernant se debruçaram na literatura, nos mitos e em todo o pensamento do mundo grego antigo. A Hélade era detentora de uma cultura profundamente atravessada pela ideia da *métis* e que, por isso mesmo, os autores dizem tratar-se de uma categoria mental e não uma noção. A *métis* não aparecia tão explicitamente, tal o grau de seu atravessamento e pertencimento no mundo antigo demandando desses pesquisadores um enorme fôlego para dar conta de tal tema. O universo da *métis* no mundo grego antigo, para Détiene e Vernant (2008), foi então um campo de pesquisa complexo e difícil porque não havia fronteiras precisas por onde caminhar.

Métis é uma divindade feminina na mitologia grega. É filha de Oceano e de Tétis. Nas teogonias atribuídas a Orfeu essa divindade está em um plano primordial, aparece na origem do mundo, sendo, portanto, uma divindade de grande importância para os gregos. Ela dá nome à inteligência que é o seu domínio, à inteligência prática ou inteligência astuciosa ou, simplesmente, *métis*. Seu nome, como substantivo comum, designa então “uma forma particular de inteligência, uma prudência avisada” (DÉTIENNE e VERNANT, 2008:17). Trata-se de uma astúcia que se desenvolve a partir de uma situação problemática, desfavorável ao sujeito que a enfrenta. Para vencê-la, é preciso inventar uma saída. Ou seja, essa astúcia implica o desenvolvimento de estratégias, o que, por sua vez, implica em transgressões, a fim de tornar-se mais polimórfico que a própria situação, ou que seu adversário, surpreendendo-o. Neste texto, quando estivermos nos referindo à inteligência astuciosa e não à deusa,

escreveremos *métis* no singular e em itálico, por ser palavra estrangeira, e quando estivermos nos referindo à deusa, usaremos um nome próprio iniciado com letra maiúscula e sem itálico.

Métis foi a primeira esposa de Zeus, o rei dos deuses. Ela o auxiliava a manter sua supremacia sobre o mundo, habitado pela presença de inúmeras potências mutantes e instáveis. É Métis, com sua inteligência astuciosa, que se mantém atenta às variabilidades, às imprevisibilidades impostas pelas potências do caos. Ela está ligada à intervenção no mundo, a inúmeras atividades tanto dos deuses quanto dos humanos e dos animais em seus mais variados aspectos. Atena, filha de Métis e Zeus, é a deusa estrategista que ajuda os humanos a desenvolver armas e artefatos metálicos, para auxiliar tanto na sua defesa quanto no domínio de animais selvagens, entre outros estratégias, como o desenvolvimento da arte da navegação e da construção das embarcações etc. A *métis* está presente também nos animais, na busca pela sobrevivência através da construção de artimanhas, tanto para escapar de predadores quanto para caçar seu alimento. Está presente na perícia humana, na atividade da tecelagem, na caça, na pesca, na atividade do sofista, na do estrategista e na criação de artefatos dos mais variados usos, potencializando a força do homem na sua intervenção no mundo e facilitando sua vida cotidiana. Está presente também nas artimanhas do jogo político, na administração das cidades, nas artes da guerra e da metalurgia, além do que se chama “olho clínico do médico” (DÉTIENNE e VERNANT, 2008:10) e de diversos outros profissionais da área da saúde, por exemplo. Está ligada, ainda, ao embate constante com as potências hostis – como o fogo, o mar, os ventos de tempestade, os animais selvagens, os predadores, as doenças etc. – e as tentativas sempre provisórias e parciais de domínio sobre o mundo em seus aspectos desafiantes.

A *métis* diz respeito a determinado grau de vigilância e atenção ao que se passa no mundo e, aprendendo com os próprios embates é possível estar aberta assim à criação. Precisa sempre se reinventar no desenvolvimento constante de estratégias, técnicas e ferramentas. Dessa maneira, “para dominar o devir brincando de astúcia com ele, a inteligência deve, aos olhos dos gregos, esposar de alguma forma a natureza, revestir-se de suas formas” (DÉTIENNE e VERNANT, 2008: 54), sendo tão, ou mais, flexível e mutante quanto ela. É nesse sentido que suas estratégias e seus estratégias serão sempre provisórios. “A inteligência deve, portanto, por força da flexibilidade, fazer-se ela mesma, movimento incessante, polimorfismo, revirada, fingimento e duplicidade.” (DÉTIENNE e VERNANT, 2008: 54).

Podemos fazer um diálogo com o que afirma Dejours (1993), quando estabelece como fundamental para a qualidade do trabalho humano uma inteligência astuciosa que sabe lidar com a variabilidade, e subverter as regras criando novas maneiras de realizar as tarefas. Este autor vai demonstrar que a gestão do trabalho necessita de uma organização do trabalho prescrita, mas é necessário ter atenção aos imprevistos e fazer as regulações necessárias, muitas vezes desobedecendo as prescrições.

O lugar da *métis* no pensamento grego

A *métis* estava presente por toda a cultura grega em vários níveis e planos. Ela atravessava inteiramente toda a antiguidade grega, refletindo-se nos mitos e escritos deixados por eles. Estava totalmente misturada a seu pensamento, sendo parte constituinte dele, “no seio do universo mental dos gregos” (DÉTIENNE e VERNANT, 2008:11). Poderíamos dizer que ela estava presente de modo corporificado no pensamento grego antigo, imbricada em toda a vida social, espiritual e material daquele povo tendo assim grande valor em sua vida. A *métis* estava ligada intimamente ao modo como os gregos viam o mundo e, conseqüentemente, o modo como experimentavam viver naquele mundo. Como já dissemos, ela atravessa o modo como o grego concebia as diversas habilidades não só humanas, mas também de certos animais, em suas várias atividades. Para eles, ela residia na experiência do vivente pela agonística própria da vida e se mostrava por meio de um número variadíssimo de formas e aspectos.

Estudar, portanto, a *métis* seria então perseguir os entreveros, as ambigüidades, as nuances que perpassavam a experiência cotidiana dessa cultura na lida com as imprevisibilidades que convocavam os viventes, não só na sobrevivência imediata, mas no planejamento e na construção do universo coletivo em que se inseriam. Ou seja, como dissemos, a *métis* diz respeito ao desenvolvimento de estratégias, de tentativa e erro, “da inspiração arriscada, da opinião inconstante” (DÉTIENNE e VERNANT, 2008:12). Os saberes vindos dela estão ligados às habilidades desenvolvidas no fazer e no ritmo adquirido pela destreza e que precisam assim de exercício, prática e dos embates com os desafios enfrentados pelos viventes para viver num meio¹ que, por princípio, implica variabilidade, requerendo deles a criação de instrumentos, artefatos e estratégias.

A métis é uma forma de pensamento, um modo de conhecer; ela implica um conjunto complexo, mas muito coerente, de atitudes mentais, de comportamentos intelectuais que combinam o faro, a sagacidade, a previsão, a sutileza de espírito, o fingimento, o desembaraço, a atenção vigilante, o senso de oportunidades, habilidades diversas,

uma experiência longamente adquirida; ela se aplica a realidades fugazes, móveis, desconcertantes e ambíguas, que não se prestam nem à medida precisa, nem ao cálculo exato, nem ao raciocínio rigoroso (DÉTIENNE e VERNANT, 2008:11).

Isso implica o que Dejours (1993, 2012) vem valorizando, que para conhecer a atividade humana não podemos nos restringir a uma visão cognitiva que separa o mental do corporal, o psíquico do cognitivo, e que a inteligência astuciosa está presente em todas as atividades, sejam elas intelectuais ou práticas.

O que caracteriza a *métis*

A *métis*, para Détienne e Vernant (2008), não se encaixa em um pensamento filosófico que opera com dicotomias, onde se concebe, por exemplo, dois planos de realidade separados: de um lado, um mundo que não muda, mundo dos saberes que podem ser transformados em fórmulas, que supostamente teria uma estabilidade; e, de outro lado, o mundo habitado pelo devir, pelo que é instável, múltiplo, ilimitado. A *métis* não cabe em nenhum desses lados de modo exclusivo e, por isso, os autores dizem que ela ficou oculta do pensamento tradicional filosófico desenvolvido no século IV a.C.. A *métis* caminha de um polo a outro, não se fixa em parâmetros já conhecidos e experimentados.

Podemos inferir que os gregos antigos viam o mundo em que viviam como um aglomerado de desafios sempre imprevisíveis, como forças poderosas que eram vivenciadas o tempo todo como contendidas a serem enfrentadas para sua própria sobrevivência e desenvolvimento. Nesse mundo habitavam potências primordiais, como o mar, os ventos de tempestade, o furor do fogo, etc, ou seja, as majestosas forças da natureza, que incluem também os animais selvagens que não se deixam dominar facilmente, como um cavalo enfurecido, ou um cardume de peixes em fuga na presença do perigo imposto pela possível captura por um pescador. A construção de artefatos e estratégias é o resultado da tentativa humana de obter um certo domínio sobre essas forças. A construção mitológica da *métis*, uma inteligência tateante que se constrói a partir dos embates e desafios impostos pelo mundo que a cerca, uma realidade múltipla e variável que não se deixa conhecer totalmente, mostra a força deste mito. Realidade esta que seria então quase inapreensível sem a inteligência da *métis*. Poderíamos afirmar que, apesar do enorme percurso civilizatório pelo qual a humanidade construiu uma herança coletiva, como patrimônio, tanto material quanto imaterial, os desafios continuam presentes nas várias dimensões da vida, todas implicando variabilidade e um

certo grau de imprevisibilidade. Neste sentido, afirmamos que a atividade humana não pode ficar apenas presa a fórmulas, a maneiras de agir conhecidas.

Assim, para lidar com a multiplicidade do mundo, a *métis* precisa realizar uma certa captura da situação problemática que a convoca e cercá-la em um limite, que é de certo modo a forma de realizar uma escolha para construir uma solução possível para aquele momento específico a fim de poder agir (DÉTIENNE e VERNANT, 2008). Como exemplo, trazemos a contribuição de Dejours (1993) quando assinala que o trabalhador precisa construir uma inteligência do corpo no trabalho, na qual os cinco sentidos saibam detectar as variações de som, cheiro e vibrações de determinada situação para conseguir diagnosticar as relações desses sinais com possíveis incidentes a serem regulados. Assim, a *métis* usa saberes que antecipam, mas não se prende só a eles. Aprende com a própria situação e se reinventa.

Détienne e Vernant (2008) apontam para o caráter de ambivalência necessário às astúcias da inteligência para lidar com um problema a ser enfrentado. Por uma direção é preciso voltar-se para ele, para examiná-lo com cuidado e atenção. Isso significaria uma espécie de convivência com o problema, no sentido de apreender o máximo possível da singularidade daquela determinada questão. Porém, ao mesmo tempo, seria também necessário um combate com o problema para resolvê-lo, para dar algum encaminhamento. Dizemos, de outra maneira, que seria como entrar em um embate dialógico com ele.

Sennett (2012: 26) diz que ‘dialógica’ é a “expressão técnica que designa a atenção e a receptividade aos outros”. Nessa atenção e receptividade, está incluído outro conjunto de habilidades, como estar atento ao outro, ao que ele fala, aos seus gestos, silêncios. Nesse movimento, também haveria uma espécie de ‘contenção’ de nosso desejo de imediatamente dar uma explicação ao que está se passando, não lançando mão de forma imediata, reativamente, de nosso ‘arquivo pessoal’ de experiências. A autocontenção, para o autor, não seria o mesmo que uma autorrepressão, mas sim, uma arte a se desenvolver, a se aprender, porque, para acessar os outros, seria preciso desenvolver esse movimento de voltar-se para fora de si mesmo, e isso, mais que uma atividade, seria uma arte que é contrária ao movimento autorreferencial.

No embate dialógico com determinado problema, o sentido de oposição aqui proposto não é de simplesmente vencer um adversário, de combatê-lo, de destruí-lo, não é uma oposição simples, mas sim, um movimento de conhecer o problema, aproximar-se dele, olhá-lo com atenção e prudência para construir uma resolução mais qualificada.

Diz respeito a uma necessária aproximação, mas evitando se confundir com a questão, mantendo uma distância precisa, que permita perceber as suas diferentes nuances. Cru (1987) estabelece como uma das regras de ofício dos talhadores de pedras não fazer o trabalho apressadamente. Deve-se antes olhar a pedra, estudar a sua singularidade, e só depois traçar uma estratégia de trabalho para talhar artisticamente. O operário que faz a tarefa de forma afoita e acrítica não se apercebe das variações e incorre em vários erros possíveis, pois trabalhar não é aplicar a mesma forma em todas as situações. Olhar primeiro antes de fazer remeteria o trabalhador às possíveis lacunas de sua aprendizagem, inevitáveis, já que a aprendizagem formal estará quase sempre aquém das imprevisibilidades do trabalho real, que ameaçariam de certo modo o seu fazer. Ou seja, a aprendizagem formal pura e simples não é garantia de que se dará conta do que se tem a fazer sempre do mesmo jeito e em qualquer situação ligada àquele saber aprendido. Assim, olhar primeiro possibilitaria um distanciamento inicial necessário para a análise do que se tem a fazer naquela determinada situação que, por mais que se tenha experiência no ofício, será sempre singular.

Então, para agir sobre o mundo – mundo este que é um campo de multiplicidades, fluidez e ambivalências –, os gregos antigos trouxeram pelos mitos e pela literatura a importância da inteligência astuciosa, da *métis* que não é privilégio do humano. Ela está presente nos seres vivos de um modo geral e sua ação, para ser eficaz, necessita que ela seja ainda mais ondulante que o real. Dizemos que essas qualidades da inteligência astuciosa nos mostram o modo como a antiguidade grega e romana lidava com o mundo e suas vicissitudes, e que isto implicaria também a concepção de uma ascese a se desenvolver. Foucault (2010), ao estudar a antiguidade grega e nos explicar os modos de subjetivação nesta cultura, mostra-nos uma ascese do cuidado de si, que se constitui através do exercício e da prática, na experiência. Desenvolver uma ascese do cuidado de si seria se preparar para o que a vida apresenta, ser digno do que lhe acontece, o que, de certo modo, também seria desenvolver uma polimorfia, ou seja, o sujeito se metamorfoseando, transformando-se e tornando-se mais múltiplo do que as próprias situações que enfrenta. Porque não se pode pensar no exercício da *métis*, dentro dos aspectos que a caracterizam, sem transformação do próprio ser que a exerce em razão de que ela se plasma no enfrentamento agonístico com os desafios enfrentados, ela não é prévia a eles e neste sentido transforma inevitavelmente o ser que a exerce e desenvolve.

A partir dos anos 1980, Foucault nota que o que perpassa toda a sua obra é a questão do sujeito, as múltiplas emergências do sujeito, as relações emaranhadas pelos sistemas de saber e dispositivos de saber-poder e os “efeitos da relação consigo na constituição desta experiência” (FOUCAULT *apud* GROS, 2010: 463). E, para estudar melhor essa experiência, ele vai muito mais longe historicamente, como analisa Gros (2010), porque percebe que na antiguidade grega e romana havia outro modo de relação na experiência de constituição de si, outro sistema de saber e de poder que produzirá um modo singular de relação do sujeito consigo mesmo, percebendo que essas diferenças basicamente têm a ver com a relação do sujeito com a verdade, isto é, uma modulação e integração da verdade, experimentada pelos gregos de forma diferente do sujeito moderno.

No que diz respeito ao conhecimento, Foucault (2010) dirá que na cultura de si, no mundo helenístico e romano, não se colocava a questão de o sujeito ser passível de ser conhecido, objetivável; ele não era colocado em posição de ser cognoscível, como as coisas do mundo. Essa questão não existia para a antiguidade Greco-Romana. O conhecimento no mundo antigo era o conhecimento do mundo, no qual o sujeito se esforçava para incorporar e torná-lo seu por meio de exercícios de ascese em que, no mesmo movimento, também iria se constituindo como cidadão virtuoso para a pólis. A constituição de si na antiguidade Greco-Romana, então, também dizia respeito à coletividade, a tornar-se um cidadão virtuoso para participar da vida política da cidade.

Foucault (2010) chamará esse conhecimento do mundo de verdade. Mas essa verdade estará sempre em construção para o sujeito, ela não estará dada. Ela irá se constituir, portanto, a partir da relação consigo e com o mundo. Essa relação com a verdade, então, implicaria voltar-se para fora de si mesmo e não a buscar em si mesmo, por meio da razão privilegiadamente, como posteriormente se consolidou no pensamento hegemônico moderno.

Essa relação com a verdade implicava uma relação prática, de exercício, de construção, que dizia respeito não só a trabalhar no “o que fazer?”, mas também no “o que fazer de mim mesmo?” (FOUCAULT, 2010:283). Dizia respeito, assim, a uma ética e a uma estética da existência.

A diferença entre o mundo antigo e o moderno, para Foucault, se refere às relações do primeiro com a verdade, que se davam à medida que a produção de um saber sobre o mundo era ao mesmo tempo vivido como experiência espiritual do sujeito. O saber, então, tinha uma espiritualidade, mas que poderíamos dizer prática. O saber

tinha a ver com a constituição do sujeito, sendo este seu fim. A verdade pela ascese antiga tinha um uso e um objetivo práticos para a vida diária, e não para uma vida idealizada. A ascese no mundo antigo dizia respeito à constituição de si.

A aquisição de ferramentas para lidar com a vida, para lidar melhor com os imprevistos da vida, constituía a *paraskeuê*. A aquisição dessas ferramentas não tinha o sentido de tentar controlar a vida, os seus imprevistos, mas sim de se preparar melhor para enfrentá-los. Essa preparação era, ao mesmo tempo, aberta e finalizada, segundo Foucault (2010: 286): “Trata-se, pois, na ascese, de encontrar uma preparação, uma *paraskeuê* capaz de ajustar-se ao que possa se produzir, e a isso somente, no momento exato em que se produzir, caso venha a produzir-se”. A *paraskeuê*, do mesmo modo em que era definida também como sabedoria, não prescindia desse trabalho. Seu objetivo era a constituição de ferramentas para a ação na exata medida de afirmação do que lhe acontece. Foucault (2010: 286) diz que “trata-se [...] de ser mais forte, ou de não ser mais fraco do que aquilo que pode acontecer”.

Poderíamos, então, trazer a *paraskeuê* da ascese antiga para problematizarmos nossas relações contemporâneas com a vida? Destacamos a dimensão do trabalho como atividade industriosa humana, que está ligada à construção de tudo o que diz respeito à produção do patrimônio material e imaterial da humanidade, desde o seu surgimento, afirmando que nela sempre será necessária uma certa dose de mobilização cotidiana do trabalhador para dar conta do que tem a fazer, dar conta de inúmeros atravessamentos presentes em toda a situação de trabalho. Então, poderíamos dizer que para construir a *parakeuê* no trabalho, o trabalhador depende dessa abertura e dessa atenção, que não são dadas e não estarão prontas nunca, precisam ser construídas e exercitadas. Saberes que darão a condição ao trabalhador de ir tornando-se mais forte do que o que lhe acontece ou, dito de outra maneira, tornar-se tão criativo e flexível que seria capaz de lidar com a polimorfia das imprevisibilidades do meio de trabalho. Lembramos aqui de Canguilhem (2011), quando afirma que o vivente com saúde é aquele que produz novas normas de vida para fazer face a um meio que lhe é sempre infiel.

E, nessa direção, dizemos que a *métis* se liga estreitamente ao modo de subjetivação grego antigo. Primeiro porque esta ideia faz parte do modo do pensamento deste povo, estando totalmente imbricada no seu modo de conceber o mundo e as forças da natureza, como já dito, por isto que Détiene e Vernant falam da dificuldade na pesquisa da *métis*. Segundo porque seu exercício e desenvolvimento depende de uma atenção e foco às sutilezas e diferenças que se passam fora do ser, fora de si mesmo, ou

seja, ela não é algo pronto, é necessário atentar para as diferenças e sutilezas dos desafios que se impõem ao homem e outros viventes para que estes possam desenvolvê-la. Ou seja, diz respeito, então, ao movimento de voltar-se para fora de si, e não o contrário. E todo este exercício e experiência reverbera constituindo e transformando o sujeito incessantemente. Assim, a constituição de si se faz também nesse movimento.

Desta forma, Michel Foucault (2010) nos ajuda a entender melhor a cultura grega antiga por um outro aspecto, que é o processo de constituição de si mesmo nessa cultura, em seu modo de subjetivação singular. Inferimos, a partir das suas pesquisas, a ligação do desenvolvimento da *métis* ao desenvolvimento da *askésis* do cuidado de si. As práticas da *askésis* objetivavam “dotar-se de algo que não se tem, no lugar de renunciar a algum elemento que seríamos ou teríamos em nós mesmos” (FOUCAULT, 2010: 285). A ascese então dota, equipa, não reduz e a aquisição de ferramentas para lidar com a vida, para lidar melhor com os imprevistos, constituía a *paraskeué*. A aquisição dessas ferramentas não tinha o sentido de tentar controlar os imprevistos da vida, mas sim de se preparar melhor para enfrentá-los.

Neste sentido, podemos inferir que a inteligência da *métis* está imbricada na constituição da *paraskeué* pela necessidade de foco no que acontece, o que associamos ao que o autor chama de vigilância frente às “armadilhas do imprevisto” (FOUCAULT, 2010: 20), ou seja, tudo o que pode vir a acontecer entre a intenção de se fazer algo e sua efetiva realização. É por isto que dizemos que a *métis* é, de certo modo, a astúcia presente ou que precisa ser desenvolvida também nas práticas da *askésis*. É ela que se apresenta na necessária atitude afirmativa frente aos desafios impostos pela vida, tornando o sujeito, como disse Foucault, digno do que lhe acontece, enfrentando o porvir da melhor forma que se pode, produzindo um cerco, prendendo-o como em uma armadilha para dar conta da situação. Movimento que difere do desejo de controlar a vida. Controlar é diferente de dar conta quando o inesperado chega. Controlar seria pretender a ilusão de prever e impedir que as variabilidades acontecessem, o que obviamente é antagônico ao movimento e heterogeneidade próprias à *métis*.

A escolha de que caminho seguir, portanto, não é prévia à situação problemática. A *métis* representa no mundo antigo uma forma particular de inteligência, que produz meios, procedimentos para a ação visando atingir seus fins. Nessa cultura, ela está ligada de modo peculiar a três palavras-chave: a virada, o liame e o círculo (DÉTIENNE e VERNANT, 2008). Essas palavras dizem respeito a modos de lidar e

ligar o sujeito à situação problemática a ser enfrentada, e, mais adiante, veremos com maior detalhamento o que elas representam no domínio da *métis*.

As qualidades necessárias à *métis* para lidar com toda a fluidez do mundo se opõem à força bruta, suas armas são mais sutis. Têm a ver com a duplicidade, a inapreensibilidade, a vigilância, a flexibilidade. Dizemos que, quando Détienne e Vernant contrapõem a força à *métis*, eles se aproximam em certa medida do que afirma Richard Sennett (2009, 2012) a respeito do que ele chama de trabalho do artífice em todas as suas variantes e nos múltiplos modos de trabalhar na sua ideia de uso da força mínima na lida, tanto com uma matéria-prima física, concreta (como um couro), quanto com ideias, projetos na construção de uma obra. O uso da força mínima se refere ao desenvolvimento das habilidades finas do artífice, como a habilidade do manejo do bisturi pelo cirurgião ou a alquimia que existe na atividade de cozinhar na lida com os ingredientes (AZEREDO-SILVA, 2011). Trata-se da aproximação cuidadosa, atenta aos materiais que se usará, para descobrir a melhor forma de trabalhar com eles; entrando, assim, em uma espécie de conexão, olhando-os, observando-os, estabelecendo uma sintonia fina para atentar o modo mais propício de começar e desenvolver o trabalho com eles. Outros exemplos podem ser o manejo dos nós da madeira pelo marceneiro ou com os veios de uma pedra bruta por um talhador de pedra. Nesse sentido, dizemos, inspirados em Sennett (2009, 2012), que as armas da *métis* também estão ligadas ao uso da força mínima, da força estritamente necessária para aquela determinada situação em que o uso da astúcia prevalece sobre o uso da força bruta, da ação atenta e precisa em vez da reação impensada ou imprecisa. Isso novamente diz respeito à necessidade de voltar-se para fora de si mesmo no sentido de não confiar cegamente em si mesmo ou no que se conhece da atividade, de modo absoluto. Por mais experiência que se tenha, esta não dispensa a atenção à singularidade da situação concreta com a qual irá intervir.

O uso da força mínima no contexto da construção de relações cooperativas, embora tenha um contexto diferente, nos parece seguir o mesmo princípio. Sennett (2012) recorre a ela também para falar da construção dessas relações. Porém, do mesmo modo que a *métis*, para o efetivo uso da força mínima, tanto no fazer do artífice como na construção de relações cooperativas, são necessários exercício e prática, além de imprescindível foco na obra a realizar. Podemos dizer, em certa medida, que nisso também está imbuída uma certa metamorfose no agente em função dessas conexões com esse fora de si mesmo. “Como a água corrente, o ser dotado de *métis* desliza entre os dedos de seu adversário; por força da flexibilidade ele se torna polimórfico; como a

armadilha, ele é também o contrário do que aparece: ambíguo, invertido, ele age por viradas.” (DÉTIENNE e VERNANT, 2008: 50).

O horizonte temporal da *métis*

“O horizonte temporal da *métis*” (DÉTIENNE e VERNANT, 2008: 21) também é múltiplo. A *métis* passeia por muitos tempos. No que diz respeito ao presente, ela se centra nele, não deixando nada escapar. A temporalidade do presente é aquela em que não há certezas, nem garantias, é uma temporalidade mutante.

Nesse sentido, estar à espreita é saber que tudo pode mudar em um segundo, nada está garantido, sempre pode haver surpresas, daí a necessidade da atenção ao momento presente para agir conforme a situação se configura. Estar muito confiante em um determinado resultado, por se considerar mais forte ou melhor preparado que o oponente, pode levar a certo desleixo, menor atenção à própria situação, enquanto outro que não tenha tanta segurança ou não considera certa a vitória “não abandona o limite dos olhos” (DÉTIENNE e VERNANT, 2008: 21), segura firme as rédeas do presente, o olho fixo e atento em todas as direções, o que pode lhe trazer a vantagem necessária. Estar atento é prestar atenção também aos desvios do seu oponente. Détienne e Vernant (2008: 21) dizem ainda que “espionar é um termo técnico de pesca, de caça, de guerra”. Ou seja, podemos ver que neste sentido estas atividades também não prescindem da inteligência astuciosa, como tantas outras atividades.

Assim, a *métis* é um patrimônio que nasce da experiência, ela não vem da impulsividade, ela precisa de trabalho e tempo para se desenvolver. A densidade da *métis* nasce do exercício, por isso ela “é rápida, pronta como a ocasião que ela deve apreender no voo, sem deixá-la passar”. (DÉTIENNE e VERNANT, 2008: 22)

Métis e kairós

Há uma estreita ligação entre *métis* e *kairós*. *Kairós* é o momento decisivo, o momento oportuno. A inteligência de *métis* diz respeito a encontrar o meio para não deixar passar o instante propício. Assim, ela não fica ao sabor dos ventos, sem destino, jogada para lá e para cá. A inteligência de *métis* toma as rédeas da situação com toda sua variabilidade e mutabilidade. Nesse sentido, o tempo de *kairós* para o vivente que desenvolveu a *métis*, em vez de surpreender, ao contrário, oferece-lhe a ocasião propícia de realizar o que concebeu. Nesse caminho, é a *métis* quem surpreende *kairós*, “ela pode apreender a ocasião” (DÉTIENNE e VERNANT, 2008: 22). Détienne e Vernant (2008)

chamam a atenção para o fato de que um dos traços da arte da *métis* é esse domínio do *kairós*. Como falávamos do exemplo de um terapeuta na clínica, vale a pena ressaltar a importância de saber qual o melhor momento para fazer uma determinada intervenção. Outro exemplo maravilhoso é o que relata Duraffourg (2010) sobre o que observou um engenheiro que foi contratado para fazer a automação de uma fábrica de queijos na França. Para ele, pareceu fácil automatizar uma parte da produção dos queijos em que os mesmos tinham que ser virados a cada intervalo de tempo fixo. Só que, depois de implantada a automação, os clientes reclamaram que a qualidade dos queijos caiu e, portanto, ele teve que pesquisar qual era o problema que estava acontecendo. Então, lembrou um detalhe que tinha desprezado. As operárias que trabalhavam antes nem sempre obedeciam ao intervalo de tempo estabelecido para virar cada queijo. Primeiro, elas cheiravam os queijos e só depois decidiam se o viravam ou não. Os robôs eram fiéis à sua programação e não tinham aquele saber olfativo de discernir que o momento certo da virada nem sempre era o estabelecido.

A *métis* é caracterizada como múltipla, ondulante e difícil de definir porque ela atua em um campo que é móvel, ambíguo, em que as realidades são fluidas, em transformação constante, em que a cada instante atuam forças contrárias (DÉTIENNE e VERNANT, 2008). Habitar o *kairós* é olhar cuidadosamente a situação problemática, seus detalhes, possíveis atalhos, os estreitamentos de saída; sem pressa para agir, esperar o momento oportuno. Ao mesmo tempo, ter prudência e atenção ao que se passa, a necessária inteireza do vivente na situação sem deixar-se dominar por ela. Isso significa manter as rédeas, o que, na linguagem da *métis*, significa criar um liame sobre ela, enlaçá-la. As operárias da fabricação dos queijos não apenas executavam normas prescritas, elas enlaçavam a situação com todos os seus sentidos e construíam novos saberes.

***Métis*: a subversora**

É *métis* quem permite, na luta cotidiana dos viventes frente às intempéries do mundo, conseguir vencer os obstáculos pela astúcia, mesmo quando na situação específica se é o elo mais fraco. A *métis* interfere nas relações de força entre as espécies viventes, subvertendo a regra de que o mais forte vence nas batalhas tanto da sobrevivência quanto de outros embates. Ela diz respeito à construção de estratégias para vencer e superar, dependendo da situação, a supremacia, tanto da força física quanto da força dos poderes instituídos. Tem a ver, assim, com uma “inteligência fértil

em astúcias e em estratégias (*dóloi*)” (DÉTIENNE e VERNANT, 2008:31). Para Détiene e Vernant, a *métis* refere-se então a uma força que nasce de uma aparente fraqueza. Diríamos que ela é uma potência que vem da luta pela sobrevivência e de construção de um mundo para se viver dobrando as dificuldades nos combates pela vida afora, potência que vem da convocação que esses desafios impõem.

A *métis* é senhora do domínio do que é móvel e do que está no âmbito do imprevisto. Sua inteligência está a serviço de encontrar a melhor forma de virar situações que parecem ser sem saída. As astúcias da *métis* implicam uma desestabilização de toda ordem instituída. Ela pode, portanto, desestabilizar hierarquias que pareciam sólidas. A deusa Métis é senhora das metamorfoses, mas, ao mesmo tempo, da prudência. Astuta e polimórfica, utiliza os recursos de dissimulação e domina a arte do engano. Métis é considerada um ser das águas, um ser marinho, porque seu domínio é o da fluidez e do que é impreciso, das tormentas inesperadas e da luta para manter a direção do leme em um ambiente intempestivo como o mar.

A potência da virada e o polimorfismo

Para o pensamento grego antigo, há dois animais providos de *métis* que se distinguem de outros, sendo considerados, diríamos, símbolos ou totens de aspectos essenciais da *métis*. Eles seriam a “encarnação da astúcia no mundo animal” (DÉTIENNE e VERNANT, 2008: 39). São eles a raposa e o polvo. A raposa se destaca por uma característica impressionante: a conduta de revirada ao caçar ou para escapar de um predador ou de um caçador. Além disso, também é flexível e delgada. Consegue fingir-se de morta em situações de perigo ou mesmo para caçar. O corpo da raposa se torna, então, uma armadilha viva e, “no momento oportuno, o morto será o mais vivo dos vivos” (DÉTIENNE e VERNANT, 2008: 40). A raposa espera o momento propício para atacar, ela desenvolveu a habilidade da prudência. É considerada um animal extremamente astucioso e imprevisível.

“Para o mundo grego, a raposa é a Astúcia: uma astúcia pode ser dita em grego *alópex*, raposa” (DÉTIENNE e VERNANT, 2008: 40). Esse destaque se dá justamente por sua polivalência em artimanhas. Diferente, por exemplo, do porco-espinho que, para qualquer situação de perigo, só tem uma estratégia de defesa: enrolar-se sobre si mesmo para proteger-se, deixando à mostra todos os seus espinhos. A raposa, ao contrário, é rica em estratégias. Ela desliza por entre vários saberes, poderíamos dizer, enfrentando os desafios de formas diversas, de acordo com a situação. Especificamente,

a arte da raposa de virar-se sobre si mesma (reviravolta) se destaca, para os gregos, como um dos aspectos essenciais da *métis*. É um poderoso estratagema que engana o adversário, invertendo as posições de caça. Assim, em determinado momento, ela passa a ser a caçadora. “Encarnação da astúcia, a raposa não pode comportar-se senão de uma maneira conforme a sua natureza artificiosa. Se ela se revira, é porque ela é, como a *métis*, potência de revirada.” (DÉTIENNE e VERNANT, 2008: 43).

Já o polvo tem como qualidade primordial o polimorfismo, simbolizado pela enorme leveza de movimentos e sua inapreensibilidade. Por ter ele múltiplos braços, foi considerado pelos gregos antigos como uma rede viva de entrelaçados. O polvo possui a habilidade de confundir-se com o meio em que está. Pode, por exemplo, ao agarrar-se a uma pedra, ser confundido com ela, modificando sua cor. Assim, ele se modela às coisas em que se fixa e pode mudar seu aspecto para tornar-se invisível aos olhos de um predador. Ele pode também produzir a noite e desaparecer nela, ao usar uma tinta própria para escurecer a água à sua volta, a fim de enganar um predador ou confundir sua vítima para capturá-la (DÉTIENNE e VERNANT, 2008). Détienne e Vernant (2008: 44) chamam essa nuvem de tinta de nuvem negra ou noite sem saída para suas vítimas.

Para Détienne e Vernant (2008), a multiplicidade de estratégias desses animais que têm *métis*, expressa, de certo modo, a multiplicidade humana produzida a partir das relações com os outros seres humanos. Isso porque seriam nesses encontros que se produziriam aspectos diversos de si mesmo. Há, assim, alusão à importância do outro no desenvolvimento da *métis*. Os autores dizem que a *métis* torna-se mais forte quando se está ao lado de um outro que nos ajuda a alargar o que avaliamos da situação. Estar junto com outras pessoas, de um modo que poderíamos chamar dialógico, pode densificar a *métis*.

Neste sentido, eles chamam a atenção para o paradoxo revelado pelo mito que diz respeito ao destino da deusa Métis, grávida de Atena, engolida por Zeus (VERNANT, 2002). Zeus a engole para adquirir através deste ato toda a inteligência e astúcia da Deusa, incorporando suas características. Buscava também com este ato interferir no seu próprio destino previsto por Gaia, que o alertou de que Métis após dar à luz a uma menina conceberia depois um menino que tomaria o trono de Zeus. Afinal, um filho de Métis com Zeus seria tão astucioso quanto seus pais. Para impedir isso, Zeus engole Métis grávida de Atenas. Mas a inteligência astuciosa é uma inteligência que, por princípio, não pode ser aprisionada, porque para manter suas habilidades de

sagacidade, esperteza e desenvoltura frente os desafios do mundo, que é sempre imprevisível e desafiante, ela precisa se alimentar da agonística própria destes confrontos, da troca circular entre o atado e o atador, como salientam Détiene e Vernant (2008). Ou seja, é uma inteligência que está sempre em processo de desenvolvimento no combate com os desafios cotidianos que a alimenta e retroalimenta. Sem esta circularidade ela deixa de ser o que é. Só podemos pensá-la nessa dinâmica. Daí os autores falarem em paradoxo quando, em determinado momento do jogo cosmogônico, Zeus – meditando para possuir a soberania indefinidamente entre os deuses do Olimpo – engole sua esposa, a deusa Métis. Nesse momento, Zeus modifica o jogo agonístico da *métis* entre os deuses do Olimpo porque:

Engolindo a deusa Métis, que esposa em primeiras núpcias, Zeus faz desaparecer num instante, em proveito de uma ordem imutável, esta parte imprevisível de desordem que fazia estourar as revoltas e surgir os conflitos entre deuses de outrora. Doravante, nada de aventuras, nem de surpresas; nada de reviradas onde o senhor dos liames possa encontrar-se, por sua vez, acorrentado. Pressionado pelos outros deuses para repartir entre eles as honras e os privilégios, Zeus vai distribuir-lhes os saberes prudentemente definidos e os poderes cuidadosamente limitados. (DÉTIENNE e VERNANT, 2008: 275)

Inaugura-se, então, uma nova ordem, uma nova organização no mundo dos deuses. Estabelecem-se os limites de atuação entre os deuses do Olimpo porque Zeus agora irá, de certo modo, domar a Métis que antes era livre, uma potência que impunha uma outra ordem cosmogônica no mundo, uma agonística constante entre os deuses. Um jogo constante entre *métis*.

Pela engolição, ele integrou-a à sua própria soberania. Métis, dentro de Zeus, permite-lhe assim meditar de antemão sobre todas as artimanhas que poderiam tramar nos tempos vindouros os homens, deuses e monstros desconhecidos. Inaugurando um mundo, onde cada um goza de seus privilégios sem temer ser algum dia despojado deles [...], [Zeus] funda ao mesmo tempo a lei que legitima o exercício imutável de sua soberania; ele confisca em seu proveito a única força que poderia questionar a partilha do poder e confia-lhe a preocupação de manter o sistema de afastamentos diferenciais que constitui [...] o panteão submetido à sua autoridade” (DÉTIENNE E VERNANT, 2008: 275-276).

Assim, essa nova ordem imposta por Zeus tem como chave mestra o domínio de Métis. Ou seja, mantê-la sob controle significa tentar dominá-la, e diminuir sua potência de criação. Podemos afirmar, por exemplo, que numa situação de trabalho em que o extremo de especialização, de excesso de controle da atividade, ocasiona um empobrecimento da inteligência astuciosa dos trabalhadores, porque a margem de manobra para a criação de modos diversos para realizá-la esbarra com o excesso de

burocracia e impedimentos, limitando-a em sua eficácia e eficiência, já que nenhuma normalização dá conta de todos os imprevistos e diferenças em um meio de trabalho ou em qualquer meio de vida. Este cenário pode vir a provocar sofrimento e adoecimento das mais variadas formas nos trabalhadores submetidos a tais condições.

Voltando ao mito, para Zeus garantir a possibilidade de sua supremacia duradoura, maquinou que seria necessário manter a inteligência astuciosa, a *Métis*, sob controle, aprisionando-a dentro dele e distribuindo no Olimpo a inteligência especializada para cada divindade, diminuindo os embates e lutas entre elas. Assim, segundo Détienne e Vernant (2008), será no mundo humano que a *Métis* manterá toda a sua potência. A partir disso, dizemos que é no mundo humano que as lutas com as imprevisibilidades do mundo eram e continuam sendo partes essenciais da vida. A *métis* está presente em todas as dimensões e relações entre os humanos e no que está à sua volta, na luta pela sobrevivência no planeta, nas relações sociais, na dimensão do trabalho. A inteligência astuciosa se desenvolve nesse jogo em que não há certezas, e sim desafios sempre renovados. Dessa maneira, inevitavelmente, a *métis* é “comprometida com o devir” (DÉTIENNE e VERNANT, 2008: 276). Nesse sentido, não há especializações da *métis* no domínio humano. Em todos os momentos em que ela está presente, “os traços fundamentais da *métis* são os mesmos”. (DÉTIENNE e VERNANT, 2008: 277)

O mito continua e mostra que, apesar das tentativas de Zeus de controlar *Métis* através da engolição, sua filha nasce de sua cabeça, portando as armas forjadas por sua própria mãe no ventre do deus. Atenas nasce gloriosa e poderosa. Ela é também a deusa da astúcia e ajuda os humanos a desenvolver sua própria *métis*, ensinando-os diversas artes, como a da doma de cavalos selvagens através de artefatos; da construção de embarcações, desde a escolha correta das madeiras e o tempo de colhê-las; do domínio dos metais para a forja das armas e artefatos de argila, entre outras coisas.

Assim, no mundo humano, a *métis* opera em um embate entre o que se tem a fazer, o que já se sabe sobre o mundo (o conhecimento já adquirido) e o que não se sabe. Então, é na dimensão da atividade que essa agonística acontece, e é nela que a *métis* se desenvolve. A *métis* está sempre presente em um desafio e exige atenção e prudência a todo o instante. É incrível como numa cultura como a grega, onde eram os homens quem exerciam a vida política e pública, são duas divindades femininas, *Métis* e Atenas, que vão significar a astúcia e a sabedoria que esses homens vão precisar na política, na guerra e no artesanato. Remetemos novamente ao que Dejours (1993)

desenvolve, sobre a questão de que a inteligência astuciosa se apoia no polo feminino da bissexualidade humana. A psicologia histórica nos dá pistas importantes, mas salientamos que ainda não temos como desenvolver aqui essa noção que também se embasa na psicanálise.

O campo de ação da *métis*: o devir

Os mitos ligados à navegação são importantes para refletir sobre esse modo de pensamento do homem antigo frente a um mundo em constante mutação. Por essa razão, o mundo marinho é constantemente evocado. Ele está relacionado ao movimento caótico, que surpreende em todas as direções, que confunde, que se assemelha ao caos, ao puro movimento, à extensão sem limites, ao devir: “Imagem de um espaço onde todas as direções são confundidas, onde a esquerda e a direita, o alto e o baixo se trocam, sem jamais se fixar.” (DÉTIENNE e VERNANT, 2008:199).

Então, para lidar com tudo o que se relaciona a esse caos, ao indeterminado, os gregos antigos articulavam a inteligência da *métis*. A *métis*, no pensamento grego, representa a coexistência de opostos, a ambiguidade, o devir e o paradoxo. A água e o mar são importantes referências desse universo caótico, porque sempre surpreendem tanto os homens quanto os animais que lá vivem. O mar é sempre enigmático, não se permite conhecer facilmente. Nesse sentido, fazemos um paralelo com as observações de Schwartz (2011) a respeito da atividade humana, em que afirma seu caráter sempre enigmático e que não se deixa conhecer facilmente. Uma dimensão múltipla, portanto, que tem essa característica exatamente porque lida o tempo todo com as imprevisibilidades do meio em que está, que, nesse caso, é tão múltiplo quanto ela. Diríamos, então, que a inteligência astuciosa é mobilizada pela atividade industriosa humana na invenção de estratégias para lidar com a multiplicidade do meio e o seu devir.

A complexidade do pensamento na antiguidade grega sobre o modo como os homens concebem e forjam os caminhos para intervir no mundo é fascinante. É por meio dos mitos que se revela a complexidade desse pensamento. Neles, essa intervenção não está separada das próprias ações da natureza, de suas particularidades e multiplicidades, ou seja, as ações humanas no mundo são concebidas de modo totalmente integrado. Não há privilégio de uma sobre a outra. O grego antigo concebe o mundo e os viventes como um sistema, como um jogo em que o embate e a luta vão produzindo saberes que se transformam em objetos, técnicas, estratégias e inteligência.

Uma inteligência totalmente integrada em uma agonística permanente com o mundo que, desafiando os viventes, produz o desenvolvimento da própria inteligência de *métis*.

A *métis*, assim, é uma inteligência sempre em construção. O acúmulo de saberes não basta à *métis*. Ela, necessariamente, precisa habitar *kairós*. Isso significa que sua astúcia deverá estar inteira na situação. É nesse sentido que se dá a necessária cumplicidade entre o agente da atividade em questão e o meio em que ela ocorre.

Conclusão

Assim, na lida com potências polimórficas e ondulantes, é preciso construir caminhos provisórios, por não caberem verdades absolutas, nem regras de conduta totalmente infalíveis. As formas e medidas precisam ser elaboradas passo a passo ao que acontece, acompanhando seu movimento. O saber que é construído nesse caso é indireto e tateante, característica da inteligência prudente que lida com potências que não se deixam conhecer de modo absoluto, nem fixo. A inteligência de *métis* atua justamente na interface entre a ação do homem e as potências ambivalentes, polimórficas e inusitadas, ou seja, com o devir. A inteligência astuciosa atua de modo tão polimórfico e inapreensível quanto o próprio devir. Nesse sentido, a *métis* também não se permite conhecer facilmente porque se desenvolve na atividade humana que se processa como devir no enfrentamento das infidelidades do meio.

Para os gregos antigos, o importante na lida com as diversas potências na vida não era descobrir verdades absolutas sobre elas para controlá-las – isso não era questão para eles, porque tal conhecimento seria algo inimaginável. O que importava, sim, era o desenvolvimento de mecanismos para lidar com o mundo conforme ele ia se mostrando e desenvolver artimanhas e técnicas para lidar com ele da melhor forma possível. Para isso, era imprescindível que o tempo todo se conjecturasse sobre isso, sobre o que acontecia ao redor, ao que se vivenciava e se experimentava. Agir no mundo é produzir mundo e, na maior parte das vezes, implica o uso da *métis*, que convoca um saber tateante e oblíquo, indireto, dentro de um campo de incertezas, mas construindo possibilidades para a ação a partir dos indícios a fim de atingir determinado objetivo na ação precisa.

Podemos dizer, então, que, nas narrativas mitológicas, os gregos antigos recriavam o modo como concebiam a relação entre os homens e as potências intempestivas do mundo na luta diária, tanto pela sobrevivência quanto pela construção do próprio universo, da vida social e cultural. Essas potências e seus poderes inspiraram

a concepção de uma organização de mundo que não era fixa; ao contrário, implicava uma contínua agonística entre homens, deuses e potências da natureza em que nada era definitivo. A inteligência de *métis*, portanto, dizia respeito aos desafios na variabilidade dos meios de vida que desafiam humanos e animais a criar estratégias para construir um meio vivível para eles.

As contribuições da psicodinâmica do trabalho (DEJOURS, 1993, 2012) evidenciam que, para os trabalhadores poderem fazer a gestão necessária das variabilidades presentes nas situações de trabalho, eles têm que, por vezes, desobedecer às prescrições e criar novos macetes e truques para garantir a qualidade do seu serviço, bem como preservar a própria saúde. Essa abordagem é importante porque revela que grande parte dos saberes necessários para o desenvolvimento de um trabalho surgem quando os trabalhadores estão em atividade e não anteriormente à mesma. Daí a importância de se pensar formas de gerenciamento que reconheçam a importância dessa produção de saberes na atividade e viabilizem politicamente o espaço público para o exercício dessa gestão astuciosa.

Referências

- AZEREDO-SILVA, Joseane Tavares. *O trabalho como matéria estrangeira na clínica*. Niterói, 2011. 200p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.
- CANGUILLHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- CRU, Damien. Les règles du métier. In: DEJOURS, C. (Org.). *Plaisir et souffrance dans le travail* v. 1, Paris: AOCIP, 1987. p. 29-42.
- DEJOURS, Christophe. Inteligência operária e organização do trabalho: A propósito do modelo japonês de produção. In: HIRATA, H.(Org.) *Sobre o modelo japonês*. São Paulo: Edusp, 1993. p. 281-309.
- DEJOURS, Christophe. *Trabalho Vivo: Sexualidade e Trabalho*. Brasília: Paralelo 15, 2012. Tomo 1.
- DÉTIENNE, Marcel; VERNANT, Jean-Pierre. *Métis: As astúcias da inteligência*. São Paulo: Odysseus, 2008.
- DURAFFOURG, Jacques. O trabalho e o ponto de vista da atividade. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (Orgs). *Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana*. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010. p. 47-82.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- GROS, Frédéric. Situação do curso. In: FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. p.455-493.

SCHWARTZ, Yves. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 9, supl. 1, p. 19-45, 2011.

SENNETT, Richard. *O artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. *Juntos: Os rituais, os prazeres e a política da cooperação*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

VERNANT, Jean-Pierre. *Entre Mito e Política*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2002.

Joseane Tavares de Azeredo Silva
Psicóloga da Universidade Federal Fluminense. Realizou doutorado no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

E-mail: joseanetavares@hotmail.com

Hélder Pordeus Muniz
Professor Titular do Departamento e da Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

E-mail: heldermuniz@uol.com.br

¹ Estamos usando o termo meio neste artigo conforme concebido por Canguilhem (2011:139): “O meio definido pela ciência é feito de leis, mas essas leis são abstrações teóricas. O ser vivo não vive entre leis, mas entre seres e acontecimentos que diversificam essas leis [...]. Pelo fato do ser vivo qualificado viver no meio de um mundo de objetos qualificados, ele vive no meio de um mundo de acidentes possíveis. Nada acontece por acaso, mas tudo ocorre sob a forma de acontecimentos. É nisso que o meio é infiel. Sua infidelidade é exatamente seu devir, sua história”.